

Imagem identitária e a falsa imagem da cultura que os “outros” projetam sobre nós.

Paulo Nassar¹
Victor Aquino²

A identidade brasileira tem sido um processo de construção que ocorre de fora para dentro. O publicitário Nizan Guanaes, em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, em 15 de junho, conta que em uma palestra recente em Nova York sobre o Brasil, “40% da platéia de investidores, em votação eletrônica, declarou achar que o Brasil vai continuar sendo um país de commodities”. Ou, em outras palavras, que nós brasileiros continuaremos sendo identificados com mercadorias como café, soja, milho, carne bovina, aprisionados na imagem de praias exóticas, belas mulheres, carnaval e futebol.

Claro, o Brasil também é isto. Do ponto de vista econômico é um dos maiores produtores de alimentos do mundo. Do mesmo modo (e cada vez mais) um maior número de praias incomparáveis são oferecidas como

¹ – Doutor em ciências da comunicação – ECA/USP

² – Doutor em ciências da comunicação – ECA/USP

pontos de recepção no mercado turístico interno, também aproveitados por gente do mundo inteiro que passa por elas durante todo o ano. País do futebol? Sim. Mas não só. País do carnaval? Claro. Mas a questão é outra completamente diferente. A miopia da mídia internacional continua a enxergar o país apenas sob esses aspectos, descuidando sistematicamente o que realmente faz do Brasil o país que é, e disseminando uma falsa idéia a seu respeito. A inventividade, que é a capacidade de todo um povo viver nos extremos de seus potenciais criativos, fez do brasileiro uma gente que se vale de todas as influências recebidas e as transforma em valores permanentes, que passam a ser sua principal característica.

Muitas vezes a construção é um artifício de desconstrução que, não importando o modo como ocorre, acaba sempre mal. Fixações estéticas da cultura, por exemplo, podem refletir não o que a cultura indica, mas o que os desinformados entendem ser correto (AQUINO, 2008: 134-139). Sting veio ao Brasil para dizer que é necessário cuidar dos povos indígenas. Bono Vox veio ao Brasil para dizer que as favelas necessitam de mais atenção do governo. O Príncipe Charles veio ao Brasil e esteve entre índios e favelados. Antes deles o então presidente Giscard d'Estaing também já tinha estado no Brasil, como os presidentes Theodore Roosevelt, John Kennedy, Michael Jackson, Madonna, a rainha Sylvia, que aliás é nascida no Brasil. Mas todos sentem uma vontade incrível de aparecer nesse tipo de fotografia, nas quais figuram moradores de favela, sem-teto, indígenas e uma série enorme de tipos que representam a parte desassistida da sociedade brasileira.

Depois que aparecem na mídia, costumam utilizar essas imagens em programas de autopromoção. Mais ou menos como aqueles artistas que descobriram a fotografia antes da primeira metade do Século XX, e saíram pelo mundo registrando as mazelas, as dores e os sofrimentos da humanidade. Não resolveram absolutamente nada. Os pobres

continuaram pobres e muitos desses artistas de ocasião ganharam fama e dinheiro.

Não se trata aqui de nenhuma postura nacionalista, de cultura hermética, de resistência ao elemento institucional e humano de origem estrangeira, cuja contribuição tem sido um fator decisivo no processo de desenvolvimento do país. O que se critica é a transformação do Brasil, como querem alguns, num objeto de exibição pública, numa coisa bizarra, que não representa o que de fato ele é. Os contingentes de imigrantes que chegam ao país desde 1824, são de extrema importância para a cultura brasileira.

Pode-se dizer, por exemplo, que depois da guerra contra o império desencadeada no sul e que ficou conhecida como "revolução farroupilha" (1835-1845), terão sido os imigrantes italianos, principalmente, que recuperaram até mesmo certo amor próprio perdido dos brasileiros do sul. Sem contar a participação de Giuseppe Garibaldi, que lutou ao lado desses contra o império. Italianos, alemães, japoneses, portugueses do continente, açorianos, espanhóis, árabes de diversas origens, turcos e poloneses, completaram o que os indígenas e os africanos iniciaram nesse processo de miscigenação cultural. Uma mestiçagem de etnias e culturas, portanto. (AQUINO, 2001: 67-69) O Brasil é muito mais e muito maior daquilo que aparece em algumas imagens em que alguns artistas internacionais buscam nele para sua promoção pessoal.

"*O inferno são os outros*". Esta frase, que todo mundo conhece, pertence a Sartre. Foi escrita na peça "Entre quatro paredes" (1944). Três personagens atuam numa espécie de caos: Garcin, um covarde que desejava ser herói; Estelle, uma mulher que usou o casamento para subir na vida; e Inês, pessoa sádica que praticamente delirava com o sofrimento alheio. São condenados a rever suas histórias, suas imagens sem espelhos, por meio dos olhos dos outros, que são desconhecidos, indesejados avaliadores da imagem dos outros e, por esta razão, um verdadeiro inferno. O Brasil, a exemplo desses personagens, parece estar

fadado a conceber a própria identidade a partir do olhar dos outros. Ou, em outras palavras, a partir de quem nos conhece nenhum pouco.

Neste contexto, a lembrança desse inferno de Sarte serve para evocar uma reflexão sobre a identidade cultural do Brasil. Identidade que começou a ser engendrada já no Século XVI, de fora para dentro. Enquanto isso, a nós os habitantes dessa espécie de inferno concebido de fora para dentro, somos agraciados com uma identidade que nos vem sendo imputada. Nós que somos mestiços, uma permanente mistura fina de brancos, negros, índios, árabes, europeus e asiáticos. Mestiços de uma mistura que não aconteceu para branquear o negro, ou escurecer o branco, ou dizimar o índio.

Seria conveniente ressaltar que a adoção do conceito e definição de mestiço e mestiçagem é proposital. Aliás, há quem não tenha o menor conhecimento dessa mistura que, vindo morar no Brasil, não aceite o termo, confundindo-o com uma espécie de racismo. Não. Pelo contrário, a mistura pode ser entendida como a reafirmação de si mesmo, no qual uma parte de um contém muitas partes dos demais que compõem a imensa rede de influências, etnias, culturas, religiões, ideologias e assim por diante. Somos, sim, um país de mestiços.

O jornal Folha de São Paulo em editorial, em 13 de junho deste ano, fala da paixão nacional e do talento ligados ao futebol e diz que esses atributos da brasilidade passam pelo "**[...] reconhecimento de que somos um país mestiço e que a nossa força deriva justamente da [nossa] confluência genética e cultural [...]. De Arthur Friedenreich a jogar de touca para esconder o 'cabelo ruim' até Leônidas da Silva, já saudado com o suntuoso epíteto de 'Diamante Negro', decorre a década de 1930, quando o futebol nacional foi tomado por profissionais (quase todos de origem negra e humilde) e pela primeira vez, na expressão que se tornaria clichê, 'encantou o mundo'.**"

Para nós, mestiços brasileiros, não existe a figura do estrangeiro. O mestiço é inclusivo, orienta-se pela adição, é democrático. A mestiçagem brasileira é um valor para um mundo no qual milhões de pessoas são obrigadas a migrar por serem pobres, provocando esse nomadismo sem charme, “sem lenço e sem documento”, expressão registrada em uma música de Caetano Veloso. Na ordem global, que expulsa, atrai e discrimina, a identidade brasileira da mestiçagem, pode inspirar novas regras de convivência, de comensalidade, de consensualidade, de colaboração, de compartilhamento, de comunicação.

Alfredo Maevy (2009: 42) ao discutir as relações entre a diversidade cultural e a sociedade do conhecimento afirma que ***“há boas razões para que o Brasil seja um protagonista na discussão e na negociação política do assunto. Temos causas históricas, a começar por nossa singular formação, que permite valorizar a diversidade fora da compartimentação do multiculturalismo norte-americano e sem o resquício xenófobo de alguns países europeus. A experiência brasileira dissolve barreiras que em outros lugares do mundo são ainda hoje erguidas, como a atual crise revela. Vejamos de modo geral o baixo sentimento de vínculo de uma terceira geração de emigrados na Europa Ocidental, seu sentimento de alienação, ao não se considerar, até hoje, genuínos europeus, mesmo quando compartilha de acesso às mesmas instituições”***.

Apesar de nossos problemas sociais no Brasil, não temos comunidades fechadas em si, auto-isoladas, o que é denominado na França de “*communaire*”. Assim, para tentar entender algumas tensões sobre a economia simbólica dos brasileiros, passamos a rever certos aspectos dessa identidade, a qual denominamos ***identidade mestiça brasileira***.

Quem são os outros?

Os parakanãs, índios brasileiros, povo tupi-guarani que ainda vive no Estado do Pará, na Amazônia, se autodenomina awaeté, que quer dizer,

em seu idioma, "gente de verdade". Segundo Carlos Fausto (2001: 63), esse povo indígena – tão definitivo em sua identidade – ao encontrar outros povos perguntava: "que espécie de gente é você, meus tios maternos"?

No ambiente simples, os inimigos são classificados, de igual modo, pelas relações com as plantas e animais. Assim, os índios da tribo yrywyjara são identificados como os "senhores da carnaúba". E os índios arajara, reconhecidos como os "senhores das araras".

Nesses pouco mais de 500 anos de história de formação oficial do Brasil, ao olhar o que quase sempre nos é estranho, descobrimos o significado de um encontro com uma alteridade radical, produtora de epidemias de sarampo, gripe e poliomielite, sem contar o extrativismo de minérios, de castanhas e madeira. Continuamos cotidianamente fazendo a pergunta parakanã: que espécie de gente é você? O que nos lembra a temática de Lévi Strauss da relação entre identidade e alteridade. Como ainda nos relata Fausto (2001: 510-511), o outro, para os primeiros brasileiros, era associado a um etos cruento. Em uma de suas muitas narrativas míticas, uma má escolha associa-se ao branco. Uma lenda desses povos sobre isto nos diz: **"quando o Sol circula uma cuia cheia de sangue entre alguns homens, aquele que é um ancestral dos waurás recusa-a horrorizado e na sua vez, o homem branco a tragou vorazmente em grandes goles"**. Os índios waurás **"recusam a hematofagia, intimamente associada a idéia de comer carne crua"**.

O devorar do europeu

No entanto, quando as posições se trocam, os primeiros brasileiros como um todo, são vistos pelos outros como canibais, antropófagos. Relatos de estrangeiros sobreviventes, como o alemão Hans Standen e o francês Jean de Léry, contam que na construção do que somos, nós brasileiros devoramos muitos europeus. A história de nossa gastronomia registra a canibalização de franceses, alemães e ingleses.

Em "***Duas viagens ao Brasil***", de Hans Staden (2010: 164-165), publicado no Século XVI, a antropofagia é descrita em texto e imagem. Staden escapou de ser devorado e descreve como os primeiros brasileiros preparam os seus alimentos: "***[...] o algoz golpeia o prisioneiro na nuca, de forma que lhe jorre o cérebro. Imediatamente as mulheres pegam o morto, arrastam-no para cima da fogueira, arrancam toda a sua pele, deixam-no inteiramente branco e tapam seu traseiro para que nada lhe escape. Eles acreditam que, ao devorar os seus prisioneiros, incorporam os seus poderes***". Em "***Outras visões***", de Staden (2010: p.140), fala do corpo dos brasileiros: "***são pessoas bonitas de corpo e de estatura, tanto homens quanto mulheres, da mesma forma que as pessoas daqui, exceto que são bronzeadas pelo sol, pois andam todos nus, jovens e velhos, e também não trazem nada nas partes pubianas. Mas desfiguram-se, eles mesmos, com a pintura***". As narrativas de viagens de Staden e Léry têm sido avidamente usadas por vários artistas brasileiros, preocupados em entender o que somos.

A recusa do etos europeu e, atualmente o norte-americano, é uma forma de chegar a uma identidade brasileira. A partir do final do Século XIX, começamos, por exemplo, a desenvolver uma literatura que romantizava o índio e a nossa paisagem. O poeta Gonçalves Dias declamava "***minha terra tem palmeiras / onde canta o sábio / As aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como lá***". Lá, como se sabe, significa a Europa, o "Velho Mundo..." O escritor José de Alencar elegia como personagens, índios e índias. Após 1920 as artes visuais vão se enriquecer com o primeiro ícone que rompe com as artes importadas da Europa. Esse ícone será "Abaporu", da pintora Tarsila do Amaral, que juntamente com Oswald de Andrade cria o "Movimento Antropofágico", com o objetivo de "devorar" a cultura européia. O escritor Mário de Andrade produz nessa época o livro "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter". O cinema, por sua vez, oferece anos mais tarde "Como era gostoso o meu francês", de

Nelson Pereira dos Santos. Sem esquecer outro filme, "Hans Staden", de Luís Alberto Pereira. Os exemplos, enfim, são muitos.

A revelação e a percepção da identidade dos mais pobres na sociedade contemporânea são feitas, quase sempre, de maneira autoritária, do ponto de vista de quem está sentado no *panopticom*. É uma narrativa colonial e imperialista que, quase sempre, pressupõe uma matriz, uma forma para conformar pessoas, culturas e tudo o que elas estabelecem: crenças, valores, tecnologias, comportamentos, sensualidades, desejos, limites e o que se espera dos outros.

Mas é muito bom sublinhar que nós, brasileiros, ao contrário do que se imagina de nós, continuamos a construir a própria identidade a partir de uma perspectiva que nos permite olhar os outros. Olha-los, seja no contato presencial, seja nas extensões midiáticas da contemporaneidade, a partir da literatura, do cinema, da televisão, da música e, cada vez mais, da Internet. As torrentes de informação em tempo real estão, de certa forma, nos tornando obesos de tantos outros. Pois agora os devoramos o tempo todo. Por sua vez, este devorar, que incorpora a força dos outros, é um traço fundamental de identidade do brasileiro. Não somos, com certeza, um povo constituído apenas de commodities.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Victor. ***Aesthetics, as way for watching Art and things***. Monroe, WEA.Books, 2008.
- AQUINO, Victor. ***Folks and cowboys***. Moonachie, The Book on Trailer, 2001.
- CALLADO, Antonio. ***Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett***. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- FAUSTO, CARLOS. ***Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia***. São Paulo, EDUSP, 2001.
- LÉRY, Jean de. ***Viagem à terra do Brasil***. Belo Horizonte, Itatiaia, 2007.
- MANEVY, Alfredo. ***Revista Observatório Itaú Cultural / OIC***, São Paulo, 8 (abr/jul) 2009.
- NASSAR, Paulo. "Brasil", in ***Terrenos Vagos***, Rogério Ferreira de Andrade (org.). Lisboa, Universidade Lusófona, 2000, pp. 16-19.
- STADEN, Hans. ***Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil***. Porto Alegre, L&PM, 2010.